

# Divergir... porque sim!

<sup>1</sup> Maria José Aleixo Nobre  
(Maria Luiz)

Desde a 1ª edição, leciono a unidade curricular Oficina de Espaço Cénico, do Mestrado de Educação Artística – especialização em Teatro na Educação. A minha formação académica, que abrange a componente plástica e a vertente comunitária na área teatral, aliada à experiência profissional com quase três décadas, reporta para a unidade curricular (UC) uma essência de trabalho individual em simbiose com o trabalho de equipa. É uma marca distintiva nos métodos artísticos e de construção neste domínio artístico.

Estas práticas estão pressupostas em dois dos objetivos da UC: (i) aprofundar a linguagem plástica e, conseqüentemente, os mecanismos de comunicação/expressão no espaço cénico; (ii) aprofundar competências necessárias à elaboração de projetos cénicos, através de metodologias específicas desta área.

Nas solicitações de trabalho individual ou em grupo, criatividade é epígrafe: “A criatividade pode cultivar-se individualmente e em grupo, através de experiências que estimulam o pensamento divergente que, ao contrário do pensamento convergente, em vez de uma única solução, aceita várias soluções possíveis, vários modos de resolver o mesmo problema” (Gonçalves, 1991, pp. 23-24). Curiosidade e fantasia são evidências e denominador comum nos alunos e seus trabalhos /criações.

Presente curricularmente no 1º ano do curso, a UC tem um caráter eminentemente experimental, investiga especificidades das artes cénicas, concretamente metodologias e técnicas particulares ao Espaço Cénico. O Tempo/Oficina é um espaço de construção, experimentação, descoberta. Culmina quando são alcançados os seguintes objetivos: (i) experienciar, a partir dos materiais construídos, a fruição inerente ao ato criativo; (ii) refletir sobre a adequação dos materiais construídos face ao espaço e ao contexto propostos.

É de realçar que, transversalmente a todas as edições, os momentos expositivos em diferentes espaços da ESELx, têm trazido extraordinárias soluções cénicas: “Os constrangimentos espaciais podem ser encarados como limitações intransponíveis ou como novas possibilidades libertadoras de movimentos e deslocações e, acima de tudo, de inesperadas soluções artísticas” (Brites, Francisco & Jesus, 2011, p. 17).

<sup>1</sup> Bacharel em Realização Plástica do Espetáculo e Mestre em Teatro e Comunidade. É professora convidada no domínio científico de Teatro na ESELx, desde 2008. Na sua atividade artística são os trabalhos de figurinos os mais regulares. É membro fundador da Associação Portuguesa de Cenografia.

## Referências

- Brites, J., Francisco, R. & Jesus, M. (2011). *Do Outro Lado: Portugal/Quadrienal de Praga/ Espaço e Design da performance*. Lisboa: Direcção-Geral das Artes/ Ministério da Cultura de Portugal.
- Gonçalves, E. (1991). *A Arte descobre a Criança*. Lisboa: Raiz Editora.